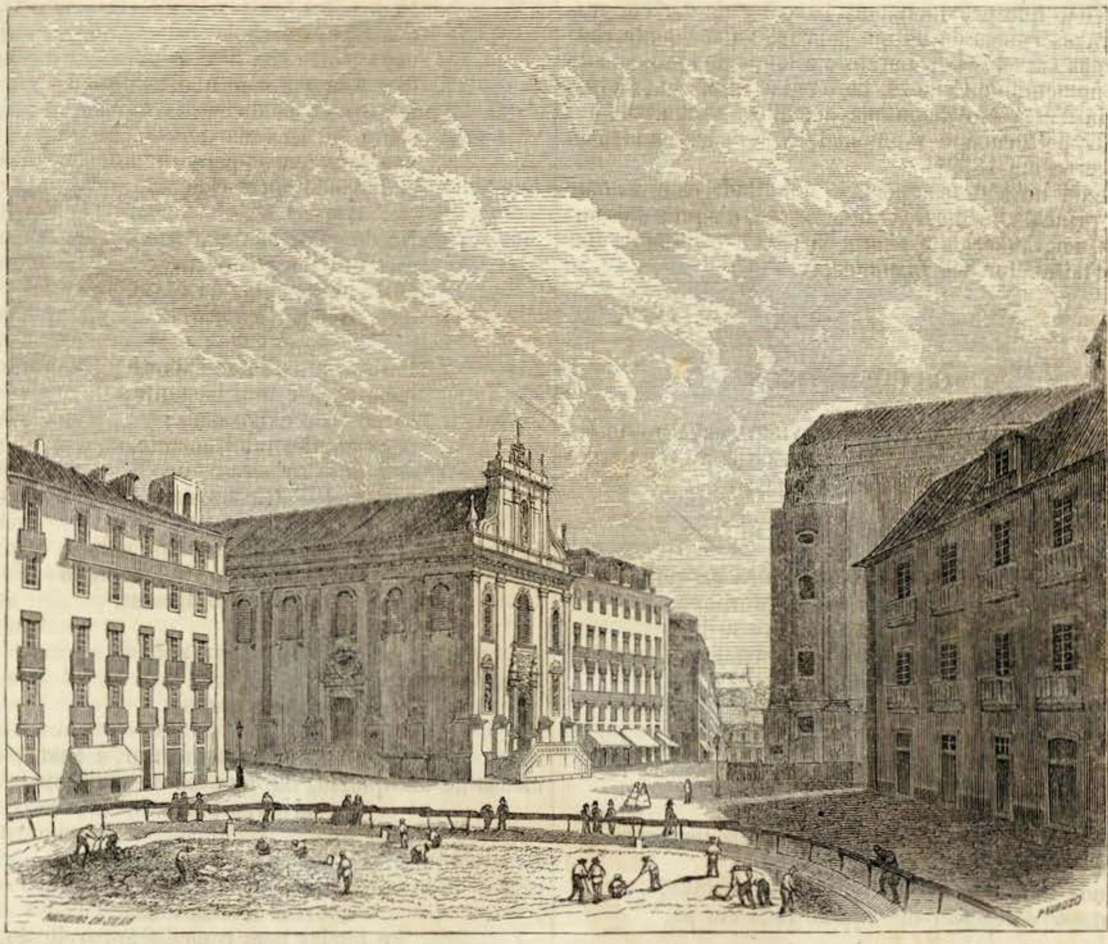


Praça de Luiz de Camões — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

Em 2 de outubro de 1860, um edital do governador civil de Lisboa determinava que o novo largo denominado do Loreto, chão do grandioso palacio do marquez de Marialva, que olhava para o largo das duas Egrejas, rua do Loreto, travéssa da Horta Sêcca e travéssa dos Gatos, se denominasse: Praça de Luiz de Camões.

Saibâmos o que determinou esta resolução.

Tendo o actual professor substituto da academia de bellas-artes de Lisboa, o sr. Victor Bastos, feito o modelo de um monumento a Camões, se formou uma commissão central em Lisboa, para o levar a effeito por meio de uma subscripção nacional.

Esta commissão é composta dos senhores:

Duque de Saldanha, *Presidente*=Francisco de Paula Sant'Iago, *Vice-presidente*=Carlos Krus, *Thesoureiro* = Conde do Farrobo = Visconde de Porto Covo=Visconde de Juromenha=Visconde de Menezes = Abbade Castro— José Maria Eugenio de Almeida = Antonio Feliciano de Castilho = José da Silva Mendes Leal Junior = Estevão José Pereira Palha = Antonio Esteves de Carvalho=Luiz de Almeida e Albuquerque=Francisco Augusto Metrass= José Pedro Collares Junior=Joaquim Pedro de Sousa, *Secretario*=Luiz Tiburcio Ferreira, *Vice-secretario*.

Approvado o modelo com algumas modificações, tocantes principalmente aos oito personagens historicos que devem rodear o pedestal da estatua de Camões, se tratou de escolher a praça mais adequada para erigir este monumento.

Depois de varios pareceres assentou-se que fosse no chão em que estivera o antigo palacio dos marquezes de Marialva, terreno e edificações que a nação havia comprado pela quantia de 39:522$000 rs. em virtude de uma lei especial das cortes datada de 16 de julho de 1855.

Feita esta escolha, a mesma commissão central a participou á camara de Lisboa, para a devida concessão, ao que ella immediatamente annuiu, e com este accôrdo, requereu ao governador civil se désse áquelle largo a denominação de: Praça de Luiz de Camões.

Em seguida, a camara municipal resolveu fazer á custa da cidade a terraplanação da nova praça, segundo o risco apresentado pelo auctor do monumento, e approvado pela commissão central.

Em sessão municipal de 15 de janeiro do mesmo anno, se approvou o orçamento d'esta obra, na quantia de 4:526$000 réis; e na de 25 de fevereiro mais 792$000 réis, para despezas que accresceram.

Os trabalhos começaram immediatamente; e no dia 4 se principiou a abrir o cabouco para assentar o pedestal da estatua.

A nova praça mede 66 metros de nascente a poente, e 36 de norte a sul.

O monumento foi ajustado com o esculptor, sr.

Victor Basto, por 38:000$000 réis, feito em dois annos, sendo de bronze a estatua de Camões, e as oito do pedestal de pedra lioz nacional.

Visto que proximamente havemos de dar em gravura as ruinas do antigo palacio, vulgarmente chamadas «casebres do Loreto»; e tambem o projecto do monumento de Camões, para então reservâmos a historia d'esta tão disputada demolição, intentada em 1837 pela camara municipal, e só effectuada pelo governo em 1859!

Esta nova praça, pois, já nobilitada com o nome do principe dos nossos poetas, será, d'aqui a dois annos, engrandecida e exornada com a estatua do immortal auctor dos *Lusiadas*.

OS COSMETICOS

TRADUCÇÃO PARAPHRASTICA DE OVIDIO POR ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO, QUE A OFFERECE AO SEU OPTIMO CONFRADE ANTONIO DA SILVA TULLIO

(Conclusão. Vid. pag. 58)

Agora ides saber como é que uma casquilha,
ao sair de manhã dos braços de Morpheu,
adquire aquella tez, que tão suave brilha;
quer se enfade, quer não, eis o mysterio seu:

De cevada da Lybia, extreme e bem pellada,
libras duas tomou; de *ervos* egual porção;
lançou em ovos dez os *ervos* e a cevada,
e poz tudo a seccar á fresca viração.

Sêcco o mixto mandou que a tarda jumentinha
que faz revolutear a corrodente mó,
pondo um pouco de parte a cereal farinha,
tratasse de esfazer-lhe aquillo tudo em pó.

Dos que primeiros perde esgalhos o veado,
pisa um sexto de libra; une, e peneira os pós.
Depois váe-se ao Narciso, ao doido namorado,
que tanto ardeu por si, quanto fugiu de vós;

pune-lhe inda o rigor depois de feito em flores:
bolbos doze lhe extrahe da humida raiz,
despe-os da pelle, e os pisa, em victima aos amores,
com dextra rigorosa em puro almofariz.

Duas onças de gomma, e zêa da Toscana
lhe junta; e em fim de mel nove tantos do mais.
Tem esta confeição virtude soberana;
lá lh'a conhecereis, se acaso exp'rimentaes.

Ungi com ella o rosto, adoptae meu conselho,
vereis como sáe lisa e radiosa a tez!
o brunido metal do vosso proprio espelho
se vos dirá vencido em brilho e polidez.

Eis agora outro composto
contra as maculas do rosto;
é dos bons, juntae-o aos vossos:
torrae pallidos tremoços;

torrae favas flatulentas;
libras tres de cada espec'e,
e ao trilhar das mós cinzentas
a mistura se arremesse;

sôlta em pó, quer-se alvaiade,
flor de nitro roxo, e a linda
iris, lá de Illyrios vinda
para auxilio a ti, beldade.

Estes tres ingredientes,
cabe ás servas diligentes
tritural-os em commum
té dos tres fazerem um;
é seu peso na balança
onça justa. Em fim se lança
d'essa massa com que os ninhos
fabricando os alciões,
sobre vortices marinhos
vão seus tenros passarinhos
embalando entre canções.

Na de amor PHARMACOPÉA
este próvido composto
gasta as maculas do rosto,
e se chama *Alcionéa*.

Para a cutis do semblante
meia onça é mui bastante;
corpo todo exige mais:
para ungil-o inteiramente,
esta dóse se acrescente
com mel d'atticos panaes.

Se bem que pio incenso aplaque aos numes,
em tomar d'elle uns grãos não faço aggravo
aos sacros lumes;

são para vós; o culto não depravo;
ajuntae-os ao nitro que desgasta
o feio cravo;

nitro, onças quatro; quatro o incenso; e basta;
menos de um quarto, lhe ajuntae de gomma,
arborea pasta.

De myrrha grossa um minimo se toma;
pisa-se tudo; o pó, bem peneirado,
com mel se doma;
e tendes bom remedio apparelhado.

Outro ha segundo a pratica,
não menos excellente:
juntae myrrha aromatica
e funcho rescendente;

da myrrha, nove escropulos;
cinco do funcho; as rosas
das Graças tão prezadas
por lindas, por mimosas,
com jus são convidadas
a vir tambem aqui;

de sêccas rosas rubidas
vá pois mão cheia abaxo;
depois, sal ammoniaco;
depois, incenso macho;
o crémor da cevada
na sábia misturada
por ultimo infundi.

O incenso mais o sal
ás flores dos amores
opponham peso egual.

Semblante que se unta com este cosmetico
(não são exageros de genio poetico)
a subitas quasi se vê reflorir.

Tambem já vi dama, que em pura agua fria
pizava papoilas, e d'ellas soía
com exito identico as faces tingir.

....

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

*

O fragmento cuja publicação hoje concluimos, pertence á collecção das versões, ora litteraes ora paraphrasticas, de todas as obras de Ovidio, que o sr. A. F. de Castilho tem feito, começando pelos primeiros cinco livros das *Metamorphoses*, impressos em 1841.

Quando se publicou esta monumental versão, escreveu o sr. A. Herculano o seguinte:

«Ovidio é o mais perfeito modelo da poesia romana, e o seu traductor o poeta que melhor póde entender, não só a lingua, que é o menos, mas o pensamento, mas a fórma, mas a côr do original.

«Summo poeta, pertencendo, pelas tendencias da sua educação classica, á eschola antiga; pela sua philosophia da arte, pelas suas reflexões de homem maduro ao presente, ou antes ao futuro; e collocado, como um juiz imparcial, n'este periodo de transição entre a poesia que passou e a poesia que se approxima, entre a poesia do christianismo e a poesia do polytheismo; quem melhor que elle póde tornar perceptivel para a sociedade actual, essa sociedade antiga que transpira por todo o largo e sublime hymno do desterrado do Ponto?

«Epocha, original, traductor, tudo fará com que este seja um dos mais formosos monumentos da nossa historia.

«O braço do poeta é, ás vezes, como o da Providencia. Roma vive em Ovidio: Ovidio viverá no mundo em quanto n'elle se fallar a nossa lingua. O genio lhe disse — não morrerás!, e os que depois vierem cumprirão a sentença do homem de genio, porque este gravou o sêllo da perpetuidade nas paginas da sua versão.»

Se fôra possivel capitular-se com maior laudo que este, a excellencia de uma obra litteraria, o que não diria, o mesmo supremo juiz, das versões que se tem seguido, em cuja contemplação o espirito fica attonito como quando se lhe depara um prodigio?

Competir com Ovidio é façanha para gigantes, vencel-o é milagre da divindade do genio. A Providencia que parece ter desamparado este reino, despenhando-o das alturas a que outr'ora o sublimou, preferiu comtudo um poeta portuguez na operação d'este prodigio do mundo litterario.

No fragmento inédito, que nos coube a dita de publicar, se vê, comparado o original com a paraphrase, a vantagem que o portuguez leva ao romano.

E d'ahi que variedade, que riqueza, que thesoiro de metrificação! Que poesia tão genial, espontanea, numerosa, e perfumada de todas as essencias que Ovidio estillou nos seus cosmeticos! Que opulencia, que donaire, que jovialidade, que decoro de linguagem!

Porfiaram sempre os nossos escriptores antigos em que a lingua portugueza não cedia á latina. Como não ficariam ufanos aquelles bons velhos, se podessem vêl-a agora triumphante e ricamente galeada nas versões ovidianas de Castilho?

Outro valor tem para nós individualmente esta poesia; é a honrosa offerta que d'ella nos fez um mestre que tanto nos tem ensinado, um amigo tão affectuoso e bizarro. Se um nome tão brilhante podesse dar alguma luz á obscuridade do nosso, que dadiva ou venera de imperante fôra capaz de nos honrar e alegrar mais? Nenhuma.

Ao mimo da offerta, accresceram ainda palavras de amizade e de modestia, n'uma carta digna de Plinio, da qual divulgaremos, com a devida vénia, os seguintes periodos, por servirem de commentario ao fragmento do poema.

«Cosmeticos de dois mil annos quasi, devem cheirar furiosamente a ranço; e mais havendo-os por ahi frescos, fragrantes, enfeitados, e com pregões de infalliveis, procedentes da Paris viva e luxuosa, não da Roma soterrada e esquecida.

«Nenhuma senhora, por certo, se poderá tentar com estas receitas de uns tempos em que a fada dos toucadores, a chimica, não era ainda nascida, e em que os naturalistas, ás apalpadellas, romanceavam, em todos os tres reinos da natureza, virtudes tanto mais acreditadas então, quanto menos verosimeis.

«Ainda assim, pena foi que d'este poema dos *Cosmeticos* só chegasse até nós a primeira sexta, setima ou oitava parte. Oxalá que o total se desencante ainda de algum palimpsesto! São preciosidades para a historia do mundo mulheril, como ao toucador chamavam, e para a da sciencia tambem, sem fallarmos da poesia, que em obra tal devia ter semeado o poeta mais cortezão e galanteador d'aquellas eras. Fallando d'este escripto, chama-lhe elle mesmo:

parvus, sed cura grande, libellus, opus.

Livrinho pequeno de si, mas grande no esmero.

«Da traducção não vale a pena fallar; direi só que a seccura das fórmulas do original, trescalando ás drogarias e boticas, me assustou tanto pelos nossos melindrosos leitores, que entendi não haver remedio senão pedir aos metros e ás rimas, e até a algumas pequenas addições de estilo, com que disfarçar um pouco todas aquellas desabridas repugnancias. Doirei e assucarei as pilulas como pude e soube. Quem tivesse paciencia para reexperimentar mão no mesmo trabalho, tenho fé em que me não condemnaria. A isso é que eu aspiro, e não a louvores.»

LENDAS NACIONAES

I

TOMADA DE SANTAREM

1147

(Vid. pag. 59)

IV

Ha na baixa de Coimbra, junto ao Mondego, um sitio hoje chamado *Arnado* por corrupção de *Arenado*, como outr'ora o designavam, depois que o rio, pelo correr dos tempos, o foi esterilisando com suas areias. No principio da monarchia era esse sitio, ermo mas aprazivel, assombrado de figueiras, d'onde lhe provinha o nome de *Figueiral*.

Ia em meio a tarde d'esse dia em que chegára de Santarem D. Mem Ramires. E no Figueiral, onde a copa das arvores era mais espessa, e do logar mais vedado a vistas de fóra, conversavam quatro homens tão de mansinho, que dissereis, se os vísseis, que até guardavam o seu segredo da folhagem que os cobria. Que era negocio de alta valia o que se alli tratava, bem se deixava ver no mysterioso do sitio, na intimativa e calor dos que fallavam, na fixa attenção dos que escutavam, e no cuidado com que todos vigiavam não os espreitasse alguem.

Estes quatro homens eram: el-rei; D. Gonçalo de Sousa, seu valido, illustre e rico fidalgo, oriundo da melhor nobreza dos godos; Pero Paes, irmão de Gonçalo Mendes da Maia, a quem chamaram o Lidador pelas suas continuadas emprezas contra os moiros, ambos descendentes de D. Ramiro II, rei de Leão; e Lourenço Viegas, o Espadeiro.

Na resolução e no esforço eram eguaes estes tres companheiros de D. Affonso Henriques. Nos dicta-

mes da prudencia, e no saber da experiencia, não acharia o soberano em toda a sua corte melhores conselheiros, que Pero Paes e Gonçalo de Sousa.

O assumpto da conversa já o terão adivinhado os nossos leitores. Não podia ser outro, senão a tomada de Santarem; pois que el-rei em nada mais cogitava. Todavia reunindo-os alli para lhes apresentar este negocio, não teve intenção D. Affonso de lhes consultar a prudencia e experiencia; porque tanto o pensamento da empreza, como o plano da execução, era uma questão absoluta e firmemente resolvida no animo do monarcha. O que el-rei quiz, revelando-lhes o seu segredo antes de se aperceber para a façanha, foi assegurar-se bem da decisão de taes homens para affrontar todo o genero de perigos. Não duvidava do valor e coragem d'elles; mas como o feito era de tal magnitude, que só seria possivel tental-o por um arrojo cego dos seus mais arrojados cavalleiros, julgou conveniente saber até onde poderia contar com a sua dedicação e ousadia.

E com effeito, apesar de habituados a não attender ao numero dos inimigos, quando tinham de entrar em peleja; apesar de os ter acostumado D. Affonso Henriques a tentativas de extraordinario atrevimento; foi grande o seu pasmo ao ouvir similhante proposta. Debalde lhes recordava e encarecia el-rei os gloriosos commettimentos passados, a expugnação audaciosa do castello de Leiria, a conquista da afortalezada Torres Novas, a heroica jornada d'Ourique. No entender d'elles estas facções, que por grandes tinham maravilhado toda a Hespanha, eram agora pequenas e insignificantes comparadas com a grandeza d'aquella, em que el-rei punha a mira. A cada novo argumento com que D. Affonso pretendia convencel-os, respondiam a final a mesma coisa; isto é, «querer tomar Santarem com a gente d'armas de que el-rei podia dispor, era mais que um arrojo, mais que uma temeridade, era um impossivel.»

Forçoso foi então a D. Affonso revelar-lhes o resto do segredo, que ainda quizera occultar. Fez-lhes pois succinta exposição da mensagem de Mem Ramires, e do plano que este concebêra para se tomar Santarem por interpreza.

Logo o negocio se afigurou differente aos tres destemidos guerreiros.

O que antes viam impossivel de obter pela força aberta, antolhava-se-lhes agora possivel pela astucia, ajudada do valor e da coragem.

Estabeleceu-se promptamente entre todos o mais perfeito accôrdo, e do accôrdo nasceu o prazer que em breve se transformou em verdadeiro enthusiasmo.

Assim concertados, não se tendo esquecido D. Affonso de exigir o mais inviolavel segredo, vieram os quatro cavalleiros na volta da cidade.

Ao entrar na praça a cavalgada, disse uma velha que alli vendia, para as outras regateiras: *Quereis vós saber o que el-rei com aquelles seus companheiros fallou? Que fallou? responderam ellas. Fallou em furtar Santarem.*

D. Affonso Henriques estremeceu, e machinalmente levou a mão á espada. Depois percorreu com os olhos a cada um dos seus companheiros, e serenou-se; porém ficou pensativo, e d'ahi até ao paço não deu mais palavra.

Mal se apeou, chamou de parte os outros cavalleiros, e disse-lhes: «*Não attentastes no que disse aquella velha? Certo se algum de vós se apartára de mim, eu cuidara que fôra descoberto por elle, e lhe mandára por isso cortar a cabeça, sem o merecer.*»

— E a voz do povo, senhor, que alguns dizem ser a voz de Deus, porque tudo adivinha, exclamou o Espadeiro.

— «Chamae-lhe antes voz do diabo, replicou D. Pero Paes; e porque falla por tantos milhares de boccas, necessariamente por alguma d'ellas ha de acertar.»

V

N'uma segunda feira, 10 de março, saía de Coimbra pela porta de Manços numerosa e brilhante cavalgada. Caminhava el-rei na frente, montado em soberbo ginete.

Acercados do monarcha, e conversando com elle em assumptos de pouco interesse, iam D. Gonçalo de Sousa, D. Pero Paes, D. Gonçalo Gonçalves e D. Lourenço Viegas. Após estes seguiam-se uns duzentos e quarenta cavalleiros, tudo gente da cidade, ou da casa del-rei.

O tropel dos cavallos poz em alvoroço os habitantes, que principiaram a correr, desembocando de todas as ruas para ver passar aquelle luzido acompanhamento.

Ia D. Affonso tão guapo e folgado; animava-lhe as feições um ar tão prazenteiro, e que tão bem dizia com a magestade do seu rosto; davam tanto realce á sua esbelta estatura as armas reluzentes, que vestia; cavalgava, em fim, com tal garbo e donaire, que o povo, apesar de tão afeito a vêl-o, enlevado n'elle, não cessava de admirar e louvar a presença nobre e gentil do seu amado soberano.

Mas o povo, que não consente que o prenda por muito tempo a mesma idéa, facilmente passou do enlevo para a curiosidade. Quizera saber, e não podia atinar, para onde iria el-rei áquellas horas, para aquelle lado, e assim acompanhado. Para festa de certo não, pois que iam todos armados dos pés á cabeça, e compunha-se a hoste dos homens mais valentes e aguerridos que havia na cidade. Além d'isso, levavam apercebimento de viveres; e alguem vira a D. Affonso, ao romper d'alva, sair sósinho dos seus paços, e encaminhar-se a pé para o mosteiro de Santa Cruz, sem duvida para se encommendar ao Creador, e pedir para si e para os seus as orações do santo prior D. Theotonio, como costumava fazer todas as vezes que se aventurava á sorte das armas.

Para guerra tambem não era crivel. Aquella gente apenas seria bastante para escaramuçar na fronteira dos moiros. Porém el-rei, certamente, que não se partiria da cidade com tamanha galhardia, e tão ignorado intento, só para simples escaramuças. Cada um dava o seu parecer, mas todos desatinavam. D'esta vez não appareceu a prophetisar a velha regateira.

Em quanto os populares assim discorriam, proseguia el-rei seu caminho, tomando por estradas, que não deixassem facil aos curiosos, e muito menos aos inimigos, adivinhar o rumo que levava.

Anoiteceu-lhe em Alfafar, e ahi mandou armar as suas tendas até ao dia seguinte. Ao raiar da aurora poz-se em marcha a hoste, e foi fazer alto em Dornellas. D'aqui enviou D. Affonso por Martim Mohaz recado ao alcaide de Santarem, dando as tregoas por levantadas. Costume era este d'aquelles tempos, que se podia reputar como lei geral da cavallaria, que obrigava todo e qualquer cavalleiro a não romper tregoas com o inimigo, sem o avisar, pelo menos tres dias antes. Os que não cumprissem este preceito incorriam na pena que mais infamava e degradava um cavalleiro, o labéo de desleal.

No terceiro dia de jornada foi el-rei pernoitar com a sua gente a Aldegas, onde se lhe reuniu Martim Mohaz, já de volta de Santarem. Pozeram-se a caminho de madrugada em direcção á serra de Alvardos, e n'ella passaram em descanço o resto do dia. Logo que anoiteceu levantaram o campo, e andando toda a noite, foi-lhes amanhecer n'um pinhal sobre Pernes.

Ahi julgou el-rei ser occasião opportuna para dar

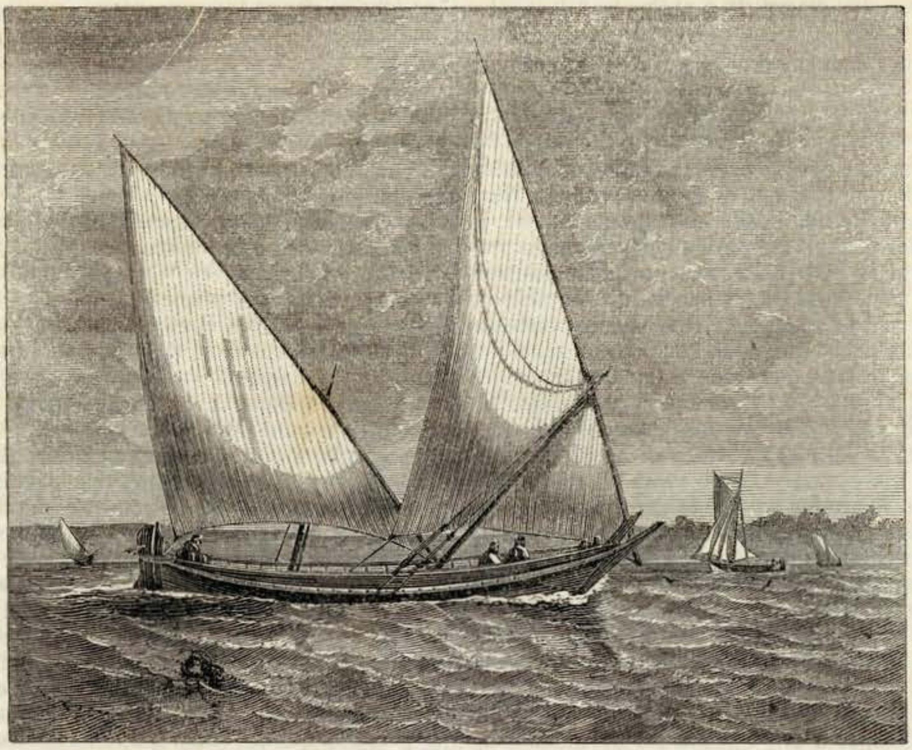
parte dos seus designios a todos os que o acompanhavam.

Estava já tão perto de Santarem, e tão proxima a hora do assalto, que não podia haver receio de que alguma indiscrição pozesse a praça de sobre aviso.

Collocando-se pois no centro dos seus valentes soldados, patenteou-lhes o fim a que alli os trazia, desenvolvendo com miudeza todo o plano que traçára para o conseguir.

Possuia D. Affonso a eloquencia de um spartano. Não brilhavam os seus discursos pela elegancia das phrases, nem pela escolha esmerada das palavras, pois que tudo n'ellas era chão e singelo; mas sobresaíam e elevavam-se á maior altura possivel, pela viva fé e enthusiasmo de que eram repassadas essas suas phrases singelas e palavras chãs. A energia e viveza dos sentimentos, que lhe brotavam n'alma, vinham imprimir-se por tal arte nas suas fallas, que se communicavam, como por magia, a todos os que as ouviam. E agora mais que em nenhuma outra occasião, porque nunca se acharam tão exaltados no espirito del-rei os seus sentimentos religiosos, patrioticos e guerreiros.

Excitou-lhes primeiramente o desejo da vingança, expondo os aggravos recebidos de Anzechri. Estimulou-lhes depois o patriotismo, mostrando a necessidade da empreza para a consolidação da monarchia, augmento do reino, e segurança e tranquillidade das familias. Appellou em seguida para a sua piedade christã, dando vulto e relêvo ao serviço que Deus, pelo instrumento do seu rei, lhes commettia. Engrandecendo-lhes as difficuldades com que iam luctar, fallou-lhes da honra e da gloria, fallou-lhes aquella linguagem que elle sabia que ia vibrar-lhes em todas as fibras da alma, despertando-lhes brios superiores ás suas forças. E finalisou assegurando-lhes, que na occasião do combate, quando se achassem empenhados n'essa lucta de vencer ou morrer, estariam o santo prior D. Theotonio, com os seus religiosos, e toda a clerezia de Coimbra, orando nos templos, por encommenda sua, para que Jesus Christo protegesse os mantenedores da sua cruz.



Barco de moinho

O effeito d'este discurso foi qual o esperava D. Affonso Henriques. Ainda soavam as suas ultimas palavras, e já toda a cohorte rompia n'uma só voz, pedindo ao seu invicto chefe, que a levasse ao assalto sem mais demora.

D. Affonso escolheu então cento e vinte homens, que dividiu em dez esquadras de doze soldados cada uma. A estes encarregou a escalada dos muros, e aos restantes o ataque das portas. Tendo determinado o numero e altura das escadas, que era mister fabricar, e o mais que convinha fazer para o bom exito da acção, deu ordem de marcha ao seu pequeno exercito.

Mas antes de principiar a mover-se, este punhado de homens, que, fascinados pelo enthusiasmo, não viam diante de si estorvos nem perigos, exigiram todos do seu chefe promessa solemne de não expor a sua preciosa vida aos cegos caprichos da sorte, n'um lance tão arriscado, como o que ia emprehender.

— Se morrermos todos, exclamavam elles, ficando vós salvo, apenas perderá o nosso rei alguns dos seus leaes vassallos. Mas, se morrer o rei, quem sabe o que será de Portugal?

— Ó amigos! respondeu D. Affonso; rogo a Deus, se eu este anno hei de viver sem vós, taes cavalleiros, tomardes esta villa de Santarem, a elle praza, que antes eu d'esta vez n'ella morra.

Isto disse el-rei com tão firme resolução, e com tamanha soberania, que ninguem ousou contradizel-o. E a um signal seu, todos montaram a cavallo, e se pozeram em marcha.

No meio da noite, caminhando silenciosos e compasso vagaroso, para não serem presentidos, chegaram aos olivaes de Santarem.

(Continúa)

I. DE VILHENA BARBOSA.

MARINHA DO TEJO [1]

Chamam aqui no Tejo a estes barcos, «dos moinhos» ou de «moios», porque se destinam especialmente a conduzir as farinhas do Ribatejo para Lisboa.

Os barcos dos moinhos são mais airosos que as falúas, com as quaes todavia se parecem. Tem como ellas duas velas, porém mais baixas e mais largas: os mastros são inclinados para a prôa, por isso escusam de bujarrona.

Segundo a estatistica que já publicámos, ministrada pela mesa do Tragamalho, ou da imposição das embarcações, na camara municipal, ha no Tejo 34 barcos dos moinhos, e a sua amarração é no caes do Tojo, proximo ao terreiro do Trigo.

O COUTEIRO-MÓR

CONTO DE ALEXANDRE DUMAS—VERSÃO DE L. A. LUDOVICE DA GAMA

(Vid. pag. 60)

A coragem consegue depressa grande poder sobre os homens. Bernardo ignorava o que era o medo. Nunca tinha fugido de um homem nem de um animal. Ia fazer levantar o javali até do seu *chiqueiro* mais profundo; ia atacar os ladrões de coutada até nos seus escondrijos mais vedados. É certo que, de vez em quando, Bernardo apparecia com alguns vestigios de trombadas pelas coxas, ou com alguns zagalotes mettidos nas costas. Mas elle tinha um especifico com o qual curava perfeitamente estas feridas. Tirava da sua adega duas ou tres garrafas de vinho branco, soltava um dos seus cães do canil, deitava-se no chão sobre uma pelle de veado, fazia lamber a ferida pelo Roncador ou pelo Chibante, e, para reparar o sangue perdido, bebia durante a operação o vinho a que elle chamava a sua tisana. De tarde já não havia quasi nenhum vestigio do mal, e no dia immediato estava perfeitamente curado.

Bernardo da Casa-Nova era muito meu amigo, porque em criança tinha caçado muitas vezes com meu pae; e eu estimava-o muito porque elle contava-me sempre uma immensidade de historias que lhe tinham succedido, a elle e a seu tio Bertholino, na vida do general meu pae.

Tinha pois dobrado regozijo quando Violaine me convidava, como já disse, para alguma caçada, e quando o ponto de reunião dos caçadores era na Casa-Nova. Partiamos então bem certos de não regressarmos sem caça.

Se na volta da ampla estrada aberta no meio da floresta, divisávamos ao longe o Bernardo, parado no caminho, a quatro passos distantes da sua porta, embocando a trompa, e saudando-nos com um toque de *levante*, ou com um *hallali* [2] cheio de enthusiasmo, isto queria dizer que o animal era já nosso, ou então que eramos uns peixotes.

Ao entrarmos em casa de Bernardo, cinco ou seis garrafas de tisana (era como elle designava o seu vinho branco), alguns copos escrupulosamente lavados, um pão de dez arrateis alvissimo, nos esperava. Comiamos uma bucha, bebia-se-lhe em cima um trago da virtuosa tisana, felicitavamos a esposa de Bernardo pelo seu bello pão, e pelos seus lindos olhos, e partiamos para a caça.

[1] Vid. os n. 247, 261, 285, 325 e 380 do III vol.

[2] Toque de triumpho que tocam os monteiros quando o animal perseguido está prestes a render-se pela fadiga, ou por algum ferimento. Este toque requer que se reunam os caçadores e os cães.

Nota do Traductor.

É mister dizer que Bernardo adorava sua esposa, e que sem motivo nenhum ardia em ciumes por ella. Os seus camaradas chasqueavam-n'o algumas vezes sobre este ponto; mas os chascos não duravam muito. Bernardo tornava-se pallido como um defuncto, voltava-se depois para o imprudente que lhe tocava com tanta ousadia na ferida mais dolorosa do seu coração, ferida que a lingua dos seus cães não podia curar...

—Toma conta, fulano, dizia elle, aconselho-te, que te cales já, e quanto mais cedo melhor para ti.

E o farçante calava-se immediatamente. Acrescentemos tambem, que de dia para dia as allusões que se faziam á unica fraqueza d'aquelle homem tão forte, tornavam-se mais raras, e até promettiam, dentro em pouco tempo, não se tornarem a repetir.

N'um sabbado de tarde, que eu estava occupado em dar de comer a dois milhafres que tinha criado, e que pretendia *treinar* [1] para com elles caçar as calhandras, passou M. de Violaine:

—Então! rapaz, estudaste bem esta semana?

—Sim, senhor, fui o segundo premiado na traducção.

—Com effeito?

Mostrei-lhe uma cruzinha de prata que trazia com ufania pendurada n'uma das casas da minha veste, por uma fita escarlate, que era a prova incontestavel da minha affirmativa.

—Visto isso, senhor *segundo*, convido-vos para virdes ámanhã caçar comnosco o javali.

Saltei de alegria.

—Aonde iremos, primo?

—Iremos ter com Bernardo á Casa-Nova.

—Oh! tanto melhor, tanto melhor! que bem nos havemos de divertir.

—Assim o espero.

—Eis ahi como perdeis o rapaz!—disse minha mãe apparecendo á porta. Em vez de me ajudardes a cural-o d'essa infeliz paixão que tem pela caça, e que tantos desastres causa diariamente, fazeis-lhe criar maior gosto por ella. Escutae; não vol-o confio senão com a condição de nunca o perderdes de vista.

—Ficae descançada, tel-o-hei sempre a meu lado.

—Então sim, com essa condição—disse minha pobre mãe, que não me recusava nada. Mas lembrae-vos, que se lhe succedesse alguma fatalidade, acrescentou ella em voz baixa, eu morreria de desgosto!

—Socegae, disse M. de Violaine, o rapaz é esperto, e sabe o que faz como um homem. Está tratado; ouves, Dumas, até ámanhã ás seis horas.

—Agradeço-vos, primo, agradeço-vos muito; ninguem esperará por mim, ficae certo d'isso.

Fui logo pôr os meus milhafres nas suas *alcandoras*, e occupar-me dos preparativos para a caçada do dia immediato.

Estes preparativos consistiam em lavar o cano da minha espingarda, em azeitar-lhe a mola dos fechos, e em fazer balas.

Ás seis horas da manhã partimos; durante o transito fomos reunindo os couteiros que nos esperavam nas suas respectivas coutadas. Finalmente chegámos ao tôpo da estrada, e divisámos ao longe Bernardo com a sua trompa na mão.

Tocava com um ar tão alegre, e enviava-nos notas tão sonoras, que não duvidámos do bom resultado da caçada. De feito, quando chegámos á Casa-Nova, soubemos que Bernardo tinha *rastejado* perto da montanha de Dampleux, isto é, a uma legoa distante d'alli, pouco mais ou menos, um magnifico terçanno.

M. de Violaine participou então aos couteiros, que

[1] *Treinar* significa adestrar as aves de rapina para a caça de altaneria.

Nota do Traductor.

tinha recebido uma carta da administração central das mattas do senhor duque d'Orleans. Esta carta referia miudamente as reclamações feitas pelos proprietarios visinhos da floresta, os quaes se queixavam dos damnos causados pelos javalis, e continha a ordem expressa de destruir até o ultimo d'aquelles animaes.

As ordens d'esta natureza são sempre bem recebidas pelos couteiros. Sendo o javali uma peça de caça real, não tem elles direito de lhe atirar, ou quando lhe atiram, é porque se lhes exige essa peça para a real cozinha. N'este caso paga-se-lhe o tiro, simplesmente, por quinze soldos, penso eu. Mas sendo a destruição auctorisada, o animal pertence de direito a quem o matou, e um javali na salgadeira é, como facilmente se comprehende, um famoso contingente para as provisões do inverno.

Conveiu-se em que as caçadas continuariam até á extincção total dos javalis que se achassem na tapada de Villers-Cotterets.

Eu não fiquei menos contente que os couteiros, pois era evidente que tomaria parte n'alguma d'estas famosas monterias.

Partimos depois de ter comido o nosso bocado de pão, e bebido um copo de vinho branco, sem usar de *gabarolas* (desculpe-se-nos a expressão, está consagrada entre caçadores), pois cada um conhecia mui bem o seu companheiro, e era mui conhecido d'elle, para que tentasse avantajar-se por meio de algumas d'essas fabulas innocentes, com as quaes certos caçadores realçam o seu merito. Pelo contrario, concordavam todos, com uma sinceridade perfeita, na destreza dos mais fortes. Ora, os mais fortes eram Bertholino, o tio de Bernardo, o Maneta, couteiro veterano que algum tempo antes tinha perdido a mão esquerda, e que ainda assim atirava cada vez melhor, e um tal Mildet, o qual, especialmente atirando com bala, fazia coisas admiraveis.

Escusado é dizer, que os inhabeis eram, pela sua parte, chasqueados fortemente.

Entre estes havia um chamado Niquet, e não sei porque lhe tinham posto a alcunha de Bobino, o qual gozava de reputação de homem chistoso, o que era exacto, mas juntava a esta reputação a de ser um dos peiores atiradores da nossa sociedade.

Contavam-se as proezas de Bertholino, do Maneta e de Mildet; mas zombava-se sem consideração do pobre Bobino. Ao que elle respondia com os despropositos mais chocarreiros e picantes, aos quaes o seu accento provençal dava um tom dos mais recreativos.

Quando iamos chegando ao sitio onde o javali se achava acoutado, Bernardo fez signal para nos calarmos. Desde então guardámos o mais profundo silencio. E logo Bernardo participou o seu plano ao intendente, o qual nos deu as suas ordens em voz baixa, e nós fomos tomar as nossas posições em torno do cerro aonde Bernardo ia penetrar com o seu sabujo de trela, para levantar o javali.

M. de Violaine cumpriu a palavra que tinha dado a minha mãe: collocou-me entre si e o Maneta, recommendando que me conservasse completamente a coberto por detraz d'um carvalho; depois, disse-me, que se eu atirasse ao javali e elle avançasse para mim, tratasse immediatamente de me agarrar a um ramo grosso da arvore, e de trepar até á altura que bastasse para o javali poder passar por debaixo de mim sem offender-me. Todo o caçador, por pouco pratico que seja, sabe que é este o meio adoptado em identicas circunstancias.

Dez minutos depois, todos os atiradores estavam postados; deu-se o signal de começar.

No mesmo instante, sentiu-se latir o cão de Bernardo, que tinha pegado no rasto; aquelles latidos resoavam com uma plenitude e uma frequencia taes, que provavam, evidentemente, que o cão se aproximava do javali.

Sentiu-se repentinamente estalar alguns troncos da matta. Vi passar um vulto, mas esse vulto desappareceu antes que eu tivesse tido tempo de metter a arma á cara. O Maneta atirou com o corta-matto, mas meneou a cabeça como quem julgava ter errado o tiro. Um pouco mais longe ouviu-se resoar outro, o qual foi seguido immediatamente de um grito de triumpho, proferido do fundo dos pulmões pela voz bem conhecida de Bobino.

Todos acudiram ao *hallali* sem embargo de reconhecerem a voz que o tinha proferido; cada um pensava ser victima de um logro da parte do chistoso farçante.

Mas todos nós ficámos altamente admirados, quando distinguimos, ao chegar á estrada real, Bobino sentado tranquillamente sobre o javali, com o seu *escalda-beiços* na bocca, e petiscando lume para accendel-o.

O javali tinha dado uma cambalhota com o tiro como se fôra um coelho, e não se havia mexido do logar aonde caíra.

É facil de imaginar o grande concerto de felicitações que se formou em torno do vencedor, o qual tomava um ar de verdadeira modestia, e comprazia-se — sempre assentado sobre o seu tropheo — em responder entre baforadas de fumo:

— Será o que vocês quizerem! mas vêde como nós os provençaes costumámos *cambalhotar* estes animalejos!

De facto, não havia que dizer, a cambalhota fôra perfeita, o animal tinha sido ferido por detraz da orelha; o Maneta, Bertholino ou Mildet, não teria feito melhor.

Bernardo foi o ultimo que chegou.

— Que diabo é isso, Bobino! gritou Bernardo ao longe, mas já em distancia de poder ser ouvido; disseram-me que o javali se foi encontrar com a tua bala como um patau?

— Não sei se elle veiu encontrar-se com o meu tiro, ou se o meu tiro se foi encontrar com elle, disse o triumphador, o que posso assegurar-vos é que este vosso criado vae ter carne de javali para todo o inverno, e que não convidará para o ajudarem a comêl-a, senão aquelles que forem capazes de lhe pagar na mesma moeda. Salvo o sr. intendente, disse Bobino tirando o seu boné, o qual sempre dará muito prazer e honrará o seu humilde servidor, em qualquer occasião que queira provar os guizados feitos pela mão da tia Bobina.

Era assim que Niquet denominava a sua esposa, porque entendia que Bobina era naturalmente o feminino de Bobino.

— Agradeço-vos, Niquet, agradeço-vos muito, respondeu o intendente; não desprezarei o vosso offerecimento.

— Caspité! Bobino, disse Bernardo, como tu não costumas fazer d'esses tiros todos os dias, é mister, com a permissão do senhor intendente, que eu te condecore.

— Condecora-me sim, meu amigo! Ha muitas pessoas condecoradas que não merecem essa honra tanto como eu.

E Bobino continuou a fumar com a mais comica fleugma, em quanto Bernardo, tirando da algibeira a sua navalha, se approximára da parte posterior do javali, ao qual cortou o rabo de um só golpe.

O javali soltou um grunhido surdo.

— Olé! então que é isso? — disse Bobino quando já Bernardo prendia á casa da farda do vencedor o rabo do javali, dizendo-lhe:

— Parece-me que ambicionaes esta fitinha.

O javali soltou outro grunhido e perneou.

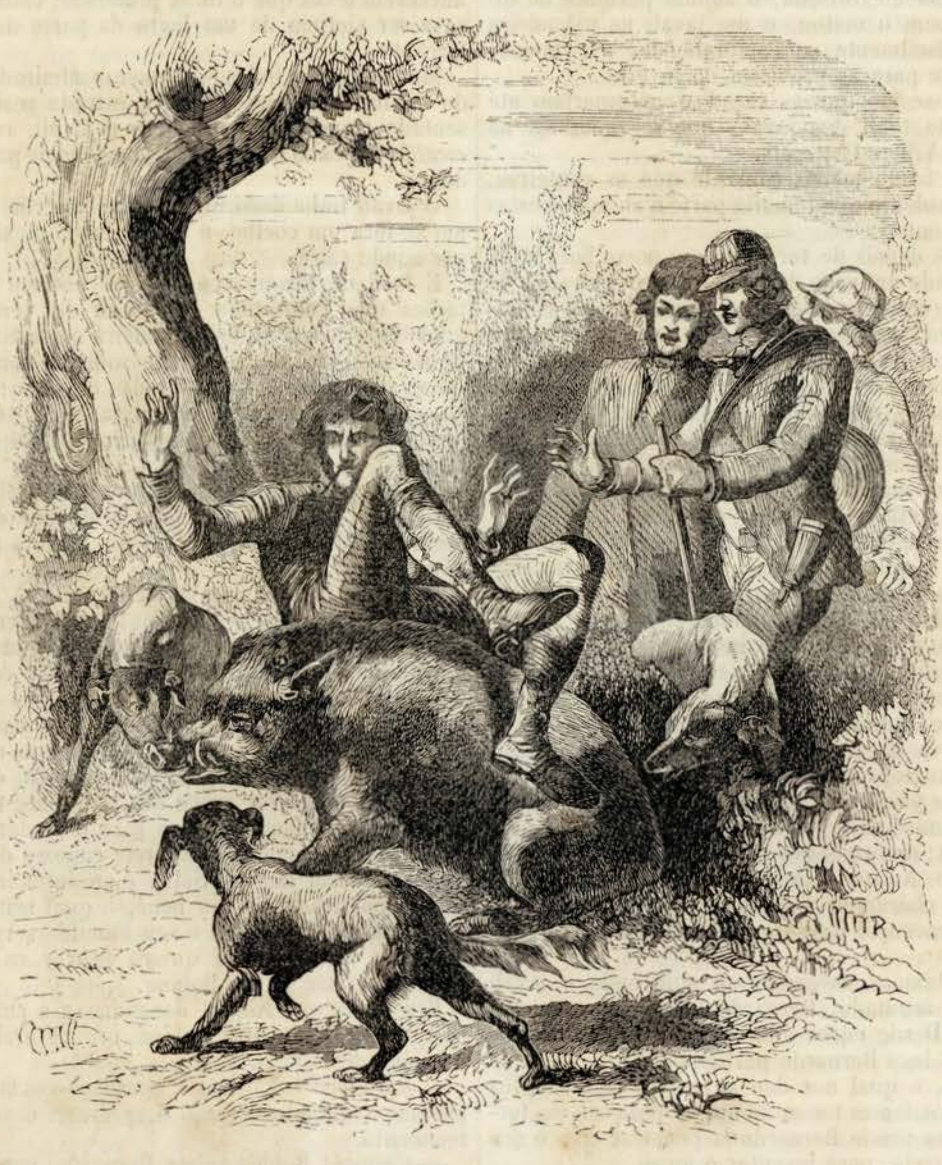
— Bom, disse Bobino, muito bem! então queres resuscitar! Resuscita, com mil demonios! queremos ver isso, a coisa ha de ser interessante.

Ainda Bobino não tinha acabado de proferir estas palavras, vimol-o ir rebolando a dez passos de distancia, envolto na poeira, e tendo-se-lhe partido o cachimbo entre os dentes.

O javali, que apenas estava atordoado, tinha-se levantado, tornando a si em consequencia da sangria que Bernardo lhe fizera; e, depois de se ter desembaraçado do peso que o opprimia, pozera-se em pé, mas ainda cambaleava muito.

— Deixae-o, deixae-o, disse M. de Violaine, ha de ser curioso se elle resuscitar...

— Atirae-lhe! gritou Bernardo procurando a espingarda que tinha deixado encostada á borda do fosso, para proceder mais facilmente á amputação que acabava de executar com tão bom exito: ati-



Rebolou a dez passos de distancia, tendo-se-lhe partido o cachimbo entre os dentes

rae-lhe, eu conheço esses freguezes, tem sete folegos; atirae-lhe dois tiros em vez de um só, se não escapar-nos-ha.

Mas já era tarde; os cães, vendo levantar-se o javali, tinham-se lançado a elle; uns filavam-n'o pelas *escutas* [1], outros pelas pernas; e todos o cobriam de tal modo, que não havia parte do corpo do animal que estivesse descoberta para poder receber uma bala.

Durante este tempo, o javali ganhava vagarosamente o fosso, levando após si toda a matilha; depois entrou na matta, e desappareceu, perseguido por Bobino, que se tinha levantado, e que, furioso pela affronta que havia recebido, queria a todo o custo obter uma reparação.

— Agárra-o! agárra-o! gritava Bernardo; agárra-o pelo rabo, Bobino! Agárra-o! agárra-o!

Todos os companheiros riam quasi a ponto de arrebentar.

(Continúa)

[1] Termo pelo qual são designadas na montaria as orelhas dos javalis.

Nota do Traductor.

Explicação do enigma do numero 7.

A saudade é gosto amargo de infelizes.